

COL. SILVA VIEIRA



CANCIONEIRO
LUSITANO

pal
tura



SIV-1

14910
Colecção Silva Vieira

CANCIONEIRO LUSITANO

COLECIONADO

POR

Paixão Bastos



ESPOZENDE

Livraria Espozendense

EDITORA

1928

L I V R A R I A
O L I S I P O

R. da Trindade, 17
1200 LISBOA

CANCIONEIRO LUSITANO



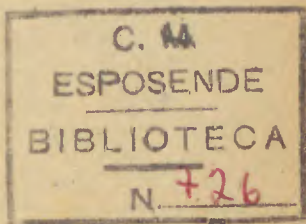
Colecção Silva Vieira

CANCIONEIRO LUSITANO

COLECIONADO

POR

Paixão Bastos

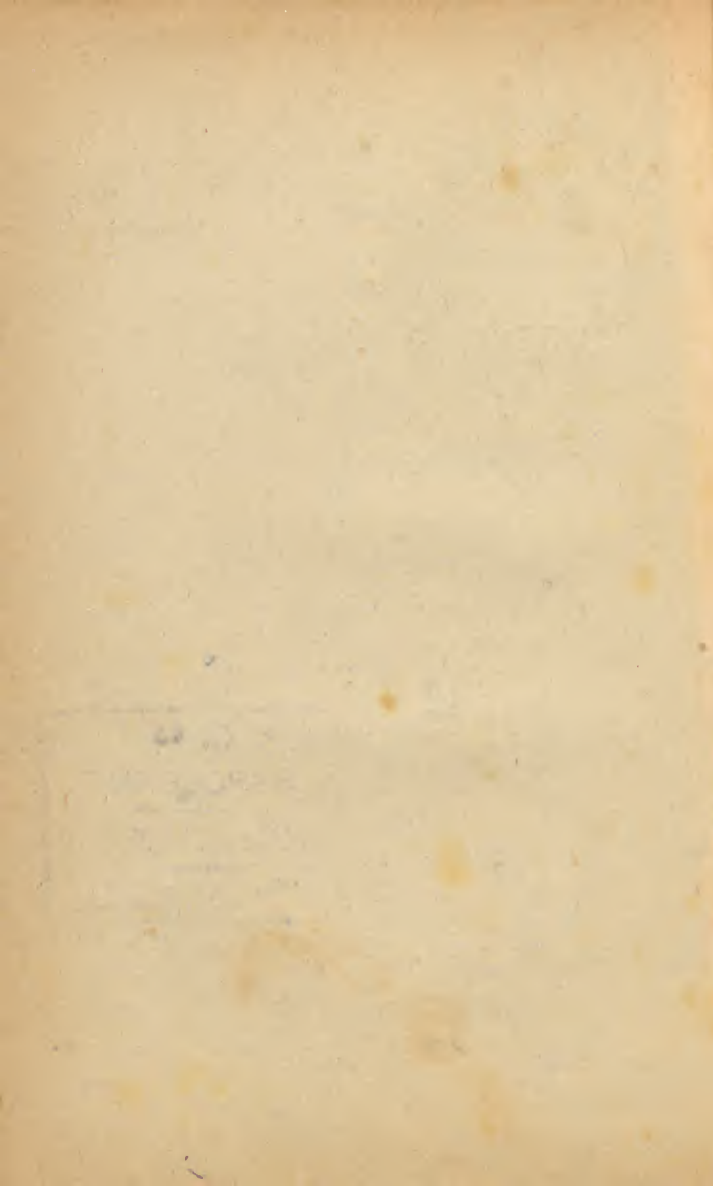


ESPOSENDE


Livraria Esposendense

EDITORA

1928



DUAS PALAVRAS

“ UEM não tem ouvido os sons melódiosos d’essa formosa harpa éólea—a alma anonima do povo—cujas cordas vibram misteriosamente como se fôra o respirar invisível da natureza que as desferisse ao de leve.

E que grande poeta lirico que é este povo do norte! Que beleza de forma, que profundeza de conceitos, que intensidade psiquica d’afecto que delicadesa de

imagens, que prodigiosa prodigalidade de rimas.»

José Augusto Vieira—«*Minho Pitoresco*».

De facto, o pòvo português é um grande poeta e com especialidade o do Norte. A sua lira melodiosa é afinada para traduzir com entusiasmo os prazeres da Alma, para carpir saudades, chorar tristezas, ungir dores, verter amarguras, cantar amores, patentear desejos, satirisar com fina ironia, percorrendo toda a gama das emoções da Alma Portuguesa.

A forma poética predominante, é invariavelmente a quadra, a forma nativa do lirismo, e assim se vai perpetuando por tradição e adptação.

O seu ritmo é quasi sempre doce, suave, e a ideia amorosa. E' o sentimentalismo e a vibratilidade amorosa, que nes-

te povo atúa como em nenhum outro.

E tudo sabe cantar duma maneira inconfundível.

Admirador profundo do seu lirismo, coleccionei, as quadras que fazem parte deste cancionero, em diferentes pontos do Minho.

Não digo que elas sejam só deste rincão minhoto, porque algumas também as ouvi fora da provincia e até bem longe da Patria.

Mas era a alma Portuguêsa, que as cantava, longe, muito longe, avivando, quem sabe, recordações do torrão natal.

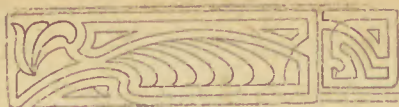
E como elas refrigeravam a nostalgia doentia de quem, ora chorava ora cantava longe da Patria.

Era o amor da terra bem amada.

Dou por bem empregado o tempo gasto na fatura deste cancionero. Embora muitas das quadras já andem noutros, nunca é demais divulgar estas joias liricas.

Pova de Lanhoso, 7-926.

O AUTOR.



1

Rosa branca toma cor,
não sejas tão desmaiada,
pois dizem a outras flores:
Rosa branca não val nada.

2

A rosa, depois de seca,
foi-se queixar ao jardim,
disseram-lhe as outras flores:
Per tempo tudo tem fim.

3

Eu sou cravo, tu és rosa,
qual de nós brilhará mais?
Os cravos pelas janelas,
as rosas pelos quintais.

4

Que lindo botão de rosa
aquela roseira tem;
debaixo ninguém lhe chega,
acima não vai ninguém.

5

Rosa que estás na roseira,
fechadinha no botão,
deixa-te lá estar dentro,
que lá te procurarão.

6

Não há flor como o suspiro
cá na minha aceitação;
todas as flôres se vendem,
só os suspiros se dão.

7

Do encarnado veste a rosa,
de verde o mangeriço,
de branco veste a açucena,
de preto o meu coração.

8

Quando a rosa é mais bonita,
tantos mais espinhos tem;
teus feitiços tem-me preso,
só ati eu quero bem.

9

O cravo depois de seco
senefica amor perdido;
inda que eu queira, não posso,
tirar de ti o sentido.

10

O' meu cravinho vermelho
salpicado na botica;
adeus que mo you embora,
meu coração cá te fica.

11

Pobre rosa desfolhada,
não és mais que uma lembrança
vem, consola a abandonada,
dá-lhe uma terna esperança.

12

Minha mai me chamou ROSA,
minha sina é desgraçada,

pois não ha nenhuma rosa
que não morra desfolhada.

13

Os cravos do meu jardim
sóbem acima do muro;
amôr, dá-me o desengano,
quero viver no seguro.

14

Quando Deus creou a rosa
e fez a luz do luar,
entre as coisas mais formosas
fez a luz do teu olhar.

15

A rosa para ser rosa,
deve ser do peito de Ana;
cortadinha no domingo
dura p'ra toda a semana.

16

Vai-te embora linda rosa,
vai-te embora p'r'o jardim;
és uma flor tão formosa,
não te quero ao pé de mim.

17

O' alecrim, rei das ervas,
o' ouro, rei dos metais:
as falas que dais a outrem,
são facadas que me dais.

18

Loureiro, triste loureiro,
seca seja a tua rama,
Inda não tenho amor,
já me querias por fama.

19

O' minha caninha verde
Rachada de nó a nó;
minhas falas são p'ra todos,
meu amor para ti só,

20

Cana verde, cana verde,
cana verde côr d'esp'rança,
não seques ó cana verde,
toda a minha confiança.

21

Que lindo botão de rosa
aquela roseira tem;
vou deixar-te, tenho outro,
há males que vem por bem.

22

Não me atrevo, disse o trevo,
a nascer pôr entre o trigo;
eu sem ser trevo me atrevo,
a tomar amor's contigo.

23

Fechei na mão um sorriso
da tua boca formosa;
quando fui a abrir a mão,
encontrei-a cor de rosa.

24

Sou branquinha como o leite,
delgadinha como a cana;
sou filha duma viuva,
nenhum maróto me engana.

25

Ele chove, eie chovisca
na folha ao mangeriçãõ,

é bem tola e é bem varia,
quem por homens tem paixão.

26

O serpão é miudinho,
com a folha cobre o chão;
tambem as tuas ausencias
cobrem o meu coração.

27

Tenho terra na algibeira,
agua fechada na mão,
p'ra plantar uma rosa
dentro do teu coração.

28

Hei de atar o junco verde
a' raiz da amendoeira;
se não lograr os teus olhos,
prefiro ficar solteira.

29

A açucena co'o pé na agua
póde estar quarenta dias,
eu sem ti nem uma hora,
quanto mais noites e dias.

30

O alecrim é doidice,
a cana variedade;
tambem digo que é loucura
amar, a quem se faz grave.

31

Péga o salgueiro d'estaca,
o amieiro de raiz;
não te gabes de deixar-me,
que fui eu que te não quiz.

32

O limão é fruta azeda
que se deita no assado;
não te ponhas em grandeza,
não és tu tão cubiçado.

33

Trigo loiro, trigo loiro
quem me dera a tua côr;
andava dentro do calix
a servir Nosso Senhor.

34

Perguntas o que senifica,
um limão todo traçado;
senifica os martirios
que por ti tenho passado.

35

A laranja quando nasce
faz perguntas ao limoeiro;
—Qual amor é o mais firme
se o segundo se o primeiro.

36

A laranja quando nasce
logo nasce redondinha;
quando nasceste menina,
logo foi para ser minha.

37

Se a oliveira falasse,
ela diria o que viu;
co'a sombra das suas folhas
dois amantes encobriu.

38

O cravo tem vinte folhas
a rosa tem vinte e uma;

anda o cravo em demanda
por a rosa ter mais uma.

39

Trago dentro do meu peito
um cravo roxo, dourado,
regado com aguas finas
que por ti tenho chorado.

40

Quem tem pinheiros tem pinhas,
quem tem pinhas tem pinhoes,
quem tem amores tem zelos,
quem tem zelos tem paixões.

41

A folha da era assobe,
a do junco vai descendo;
não se me dá que outra ame
aquilo que não pretendo.

42

O gosto que a salsa tem,
tem meus olhos em te vêr;
trago-te no centro d'alma,
não me podes esquecer.

43

Afiz tantos estes meus olhos (1)
a fitarem-se nos teus,
que de tanto os ter fitado
já não sei quais são os meus.

44

Fui á fonte de tres bicas,
bebi, tornei a beber;
nem minha boca se enfada
nem meus olhos de te ver.

45

Os meus olhos são dois peixes,
navegam numa lagôa;
choram lagrimas de sangue
por uma certa pessôa.

46

Os meus olhos são anzoos,
que pescam no mar sem rêde;
tambem te pescam a ti,
menina da saia verde.

(1) Este verso tem a seguinte variante:—
Tenho os olhos tão afeitos, etc.

47

Fui ao mar buscar o lume,
queimei-me numa faisca;
os teus olhos me prenderam,
quem ama, muito se arrisca.

48

Os olhos pretos são falsos,
os azues são lisonjeiros,
os olhos acastanhados
são os liais, verdadeiros.

49

Os olhos dos namorados
tem um certo não sei quê,
que serve de subscrito
a' carta que se não lê.

50

Esta noite sonhei eu
que dois negros me matavam
mas eram esses teus olhos
que de noite me fitavam.

51

Eu de frente e vós á vista,
eu falo, vós não falaes;
dá-me um acêno co'os olhos,
já que não pode ser mais.

52

Olhos pretos vão á fonte,
não sei que vão lá buscar;
não sei se vão buscar agua,
se penas para me dar.

53

Os olhos que tens no rôsto
parecem-me dois ladrões;
eles postos numa estrada,
podem roubar corações.

54

Lindos olhos de matar,
sobrancelhas de sorrir;
tendes a côr demudada,
isso é de não dormir.

55

Se os teus olhos são brilhantes
que prendem meu coração;

se os teus braços são cadeias,
amor, eu quero a prisão.

56

O teu peito é um altar
com velas e castiçais;
os santos que eu lá adoro,
são teus olhos, nada mais.

57

Para que quero os meus olhos,
Senhora Santa Luzia;
se eles não vêem a Deus
a toda a hora do dia?

58

Os olhos requerem olhos,
os corações, corações;
tambem as boas palavras
requerem boas ações.

59

Deste-me um ar do teu riso
quando por ti fui passando;
empiscaste-me os teus olhos,
eu logo me fui chegando.

60

Domingo se fôres á missa,
bem sabes onde eu me ponho;
dá-me um acêno co'os olhos,
que eu com isso me compôno.

61

Amôres ao pé da porta
quem m'os dera a todo o risco;
ainda que a bôca não fale,
os olhos sempre lhe impisco.

62

Os olhos requerem olhos,
tudo requer o que é seu;
eu requeiro o meu amor
e por justiça, que é meu.

63

Aos olhos do meu amor
hei-de-lhe atirar um tiro;
já que êles por bem não querem
deixar de falar comigo.

64

Eu fui a que disse ao Sol,
que era escusado nascer;
á vista desses teus olhos,
que vem o Sol cá fazer?

65

Viva quem aqui chegou,
por ora não digo quem;
chegaram aqui dois olhos
a quem os meus querem bem.

66

Olhos pretos roubadores
porque não vos confessais,
dos delitos que fazeis,
dos corações que roubais?

67

Quando os meus olhos te viram
meu coração se alegrou;
nos braços desse teu peito
minha alma presa ficou.

68

Aborreço os olhos todos
que ousam teu rosto mirar;

se é loucura ter ciumes,
estes meus são de matar

69

Não me lances esse olhar
que eu já não posso sofrer;
tenho medo de mim mesma,
deste amor como eu sei ter.

70

Um raio desses teus olhos
o coração me rendeu;
nêsse momento amei-te,
mas que culpa tenho eu?

71

Se esses teus olhos falasse,
diriam de certo amôres:
quem sabe, talvez dissessem,
costumamos ser traidôres.

72

Se te fores, hei de armar
laços á tua partida,
eu quero mais a teus olhos
que á minha propria vida.

73

Os teus olhos não são olhos,
são sanefas de veludo;
quem me dera possuir
olhos, sanefas e tudo.

74

Quem me dera já lograr
desses teus olhos as luzes,
mais de quatro ficariam
na bôca fazendo cruces.

75

Esses teus olhos meu bem,
são lancêtas de sangrar;
todos me querem dar vida,
só tu me queres matar.

76

Ceguei á borda do rio,
aos olhos dei liberdade;
bem tolinha estava eu
quando te fiz a vontade.

77

Adeus fontes, adeus rios,
adeus regatos pequenos;
adeus vista dos meus olhos,
até quando nos veremos?

78

Quem embarca, quem embarca,
quem vem comigo, quem vem;
quem embarca nos meus olhos,
ó que linda maré tem.

79

Pude ler na escuridão
a carta da minha amada,
pois da luz dos olhos dela
vinha ainda illuminada.

80

Tem as moréas nos olhos
um certo fogo homicida
que por cada olhar que dão
tiram um ano de vida.

81

Os teus olhos, pretos, pretos,
ardilosos e ladrões,

dão assaltos nos caminhos
para roubar corações.

82

Ai minha mãe que me matam,
ninguem me pode valer,
são dois negros assassinos
os olhos desta mulher.

83

Com esse rosto moreno,
esses olhos sempre em festa,
és capaz de me roubar
o juizo que me resta.

84

Como sei que é grande p'riço
ao lume chegar a mão,
inda hei de ver se os teus olhos
me podem queimar ou não.

85

Ao ceu levantaste os olhos
estando negros os arés,
poz-se a brilhar uma estrela
por cada um dos teus olhares.

86

Se fito a luz dos teus olhos
côrro o risco de cegar;
mas se deixar de fita-la
é maior o meu penar.

87

Delicado é o fumo
que vasa a telha dobrada;
delicados são teus olhos,
que me deixam encantada.

88

Lindos olhos tem amor,
inda agora reparei;
se reparára mais cêdo,
não amára quem amei.

89

Olhos mais lindos que os teus
não os vi, não os conheço;
depois que teus olhos vi,
todos os mais aborrêço.

90

Quando passares por mim
põe logo os olhos no chão,
bem podemos querer bem
e o mundo dizer que não.

91

Ail meu Deus, quem me acode,
a quem não sabe nadar!
ás meninas dos meus olhos
que se afogam a chorar.

92

Os meus olhos de chorar
fizeram covas no chão,
coisa que os teus não fizeram,
não fizeram, nem farão.

93

Os teus olhos tem meninas,
essas meninas tem olhos;
os olhos dessas meninas
são meninas dos meus olhos.

94

Teus lindos cabelos d'oiro,
estendidos formam um véu.

o azul que tens nos olhos
é cor que pertence aos céus.

95

Volve a mim teus lindos olhos
q'olhar só não é defeito,
deste modo vai nascendo,
terno amor em meu peito.

96

Menina dos olhos pretos
de faces cor de carmim,
quando te passar á porta,
menina, olha p'ra mim.

97

Amorzinho da minha alma
ensina-me a tua arte,
ensina-me a aborrecer-te,
que eu não sei senão amar-te.

98

O' meu amor, se tu fôres,
leva-me podendo ser,
eu quero ir acabar
onde tu fôres morrer.

99

Da minha janela réso
à Senhora das Areias,
que me mande o meu amor,
q'anda por terras alheias.

100

Tomei amores co'o vento,
não sei se faria bem;
porque o vento é bandoleiro
não tem amor a ninguém.

101

Trocaste-me a mim por outra;
meu amor, fizeste bem,
perdeste-me a lealdade,
quero perdê-la também.

102

A maré crêsce e decresce,
fica a praia descoberta,
vai-se um amor e vem outro,
não ha verdade mais certa.

103

Já se quebraram os laços
com que presa me tivestes,
tomastes novos amores,
foi favor que me fizestes. (1)

104

Inda que o lume se apague,
na cinza fica o calor;
inda que o amor se ausente,
no coração fica a dor.

105

Quando os campos verdes choram,
as aves de mim tem dor,
só por ver a falsidade
com que me trata, amor.

106

Tornemos, amor, tornemos,
tornemos ao que era dantes;
seremos amantes firmes,
seremos firmes, aniantes.

(1) E' costume empregar o verbo no plural, dizendo:—tivestes, tomastes, fizestes.

107

Eu hei-de ir ao mar chorando...
chorando lhe hei de pedir
que abrañde a sua feresa,
que o meu amor quer partir.

108

Quem quizer que a água corra,
dê-lhe um golpe na levada;
quem quizer o amor firme
cale-se, não diga nada.

109

Meu coração é relógio,
fecha com dois cadeados;
por um lado fecha amores,
por outro penas, cuidados.

110

Janelas avarandadas
só o meu amor as tem;
hei-de mandar fazer uma
avarandada também.

111

Eu p'ra ti sempre a olhar
e tu sem nunca me veres,
olha, amor, vê a diferença
que há entre os nossos querêres.

112

Meu amor diz q'ha d'amar-me
inda além da sepultura;
tanto bem não é p'r'a mim,
não tenho tanta ventura.

113

O' meus cuidados da noite,
ó minha estada ao luar!
Meus amorsinhos perdidos
onde vos irei achar?

114

Por mais que de ti m' apartem,
mais amor te hei de querer,
que o meu coração é vara
que ninguem pode torcer.

115

S'ó meu amor te amofina,
a culpa é do coração;

se eu a ti nunca te vira,
nunca tivera paixão.

116

Que tendes no pucarinho,
menina, que tam bem cheira?
são as lagrimas do amor
que se vai segunda-feira.

117

Escreve com tua mão
sobre a minha sepultura:
Aqui jáz quem sempre teve
muito amor, pouca ventura.

118

O' meu amor, quem me dera,
quem me dera sempre dar-te
beijinhos até morrer,
abraços até matar-te!

119

Meu amor se te arrependes
dalgum bem que me fizestes,
dá-me os beijos que eu te dei
pelos que tu já me déstes.

120

Amôres novos, falai-me,
que os velhos já me esqueceram;
faço de conta que foram
folhas de papel que arderam.

121

Eu amo a três amores;
dois de manhã, um de tarde,
trago a dois enganados,
só a um falo verdade.

122

O amor de homem casado
quem me dera sequer um
para calços de panela,
que ainda não tenho nenhum.

123

O amor de homem casado
quem o quer, quem o cubiça?
E' como o cant'ro quebrado,
com a rolha de cortiça.

124

O amor de homem casado
quem o hade pretender?
E' como o vinho estragado,
que se não pode beber.

125

O amor quando se encontra
causa pena e causa gôsto.
Sobresalta o coração,
faz subir a côr ao rosto.

126

O' Rosinha, feiticeira,
encanto dos meus amores,
os teus labios côr de rosa
dão beijinhos matadôres.

127

Tenho dentro do meu peito
duas escadas de flores,
por uma—descem suspiros,
por outra—sobem amores.

128

O' altas serras de néve
tende de mim piedade;

que me vejo sem amores
na flor da minha idade.

129

Semear e não colher
é o que atrasa o lavrador;
tambem eu 'stou atrasado
em contas, co' o meu amor.

130

Limoeiro tem pé d'ouro,
tambem tem rama de prata;
tomar amores não custa,
deixá-los é o que mata.

131

Atirei e não matei;
ó mal empregado tiro,
o' mal empregado tempo
que andei d'amores contigo.

132

O' minha menina bela,
ponha o seu amor só num;
não traga tantos á tréla,
pode ficar sem nenhum.

133

O amor ama a riqueza,
que ao interesse tudo vai.
Despresa a minha pobresa,
faz a vontade a teu pai.

134

Mandei fazer uma torre
De pedra, cal e areia,
p'ra avistar os tristes campos
onde o meu amor passeia.

135

O' meu amor de tão longe,
chega-te cá para perto,
que me doe o coração
de te ver nesse deserto.

136

Ingrato, reconhecido,
que te custava dizer:
—Amor procura a tua alma,
de ti não quero saber.—

137

Ingrato, porque razão
não falas ao teu amor,
tendo tu obrigação
de falar seja a quem for?

138

Subi áquele outeiro,
ouvi cantar a perdiz;
ser lial a quem é falso,
meu amor, só eu tu fiz.

139

O meu amor me deixou
julgando que eu morreria;
váí-se um amor e vem outro,
vivo na mesma alegria.

140

O diabo léve os homens,
menos três que eu conheço:
é meu pai e meu padrinho
e o amor por quem padeço.

141

Já não vejo o meu amor
lá nessas serras de além;

só me restam as saudades
do tempo que já não vem.

142

Vai-te embora amor ingrato,
já não quero nada teu,
porque fostes dar a outrem
coração que já foi meu (1)

143

O* que noite tão serena,
ò que ceu tão estrelado;
se nunca tivesse amores
dormiria descançado.

144

Os laços que a ti me prendem, (2)
levam amor ao teu peito;
é crime ser insensível,
o amar não é defeito.

145

(1) Esta quadra tem a seguinte variante
nos 3.º e 4.º versos:

foste repartir com outra
um amor que era só meu.

Meu amor não me condenes
nem digas que me esqueci,
todas as horas que passo
emprego-as pensando em ti.

146

O coração não se vende,
é prenda de alto valôr;
não se vende, nem se dá,
troca-se só por amor.

147

Quantas vezes, amor, busco
os logares escondidos,
as solidões, os desertos,
para soltar meus gemidos.

148

Por teu amor perdi Deus:
por teu amor me perdi;

-
- (2) Calca aos pés a hypocrisia,
Conserva amor em teu peito,
E' crime ser insensível,
Ter amor não é defeito.

Falk-Lore Lanhözense, por Albino Bastos, "Coleção Silva Vieira", Quadra 16.

agora sem ti nem Deus,
agora sem Deus nem ti.

149

Largos dias têm cem anos,
meu amor, deixa-te andar,
inda te has de arrepender
sem te valer o chorar.

150

Meu amor, p'ra que m'esqueces,
p'ra que me fazes sofrer;
eu mesmo assim, despresada,
nunca te hei-de aborrecer.

151

Meu amor, não vivas triste,
alegra o teu coração,
que algum dia será teu
o que agora te não dão.

152

Não ha no mundo dois mundos,
nem no ceu ha dois senhores,
tambem não podia existir
num coração dois amores.

153

O' meu amor dá-me fitas,
dá-mas brancas se poderes,
que a mentira está nos homens
e a verdade nas mulheres.

154

Sô tu, meu amor, só tu,
só tu tivestes a dita
d'entrar no meu coração,
numa sala tão bonita.

155

Atirei com bolas d'ouro
áquele poço tão fundo,
julguei que tinhas amores,
tirei enganos do mundo.

156

O' meu amor não descubras
tuas penas a ninguém,
se o dizes a uma amiga
essa amiga outra tem.

157

O amor enquanto novo
áma com todo o cuidado,
só depois que vai p'ra velho
mostra cara d'enfadado.

158

Meu amor se vires cair
folhas verdes na varanda,
olha que são as saudades
que o meu coração te manda.

159

Estrelas do céu brilhantes,
o meiga luz prateada,
se tens amores com outra
não me tragas enganada.

160

Juro que ainda não tive
um amor firme a ninguém,
para ti logo s'abriram
as portas do querer bem.

161

Ha tres dias que não janto,
ha quatro que não almoço;

com saudades do amor,
vou p'ra comer e não pôsso.

162

Muitas voltas dá o rio
ao redor do amieiro,
mais voltas dá o amor
sendo lial, verdadeiro.

163

Este rio é bonito,
as suas aguas são puras;
aí assim fossem as lagrimas
do amor que tu me juras.

164

Sò na vida me dá forças
a tua doce amizade,
se o teu amor me faltasse,
morreria de saudade.

165

Meu amor, se sabes lêr
dentro do meu coração,
vem abri-lo, e então verás
se te quero bem, ou não.

165

Ninguém dorme quando passa
o meu amor pela rua;
têm as palavras mais graça
ditas ao brilho da lua.

167

O meu amor foi-se, foi-se,
sem se despedir de mim;
do mar se lhe façam rosas
e do navio um jardim. (1)

168

Se a liberdade dos presos
estivesse em minha mão,
já t'agora tinha solto,
amor do meu coração.

169

O amor do estudante
não dura mais que uma hora;
toca o sino, vai p'ra aula
vêm as férias, vai-se embora.

(1) Já a ouvi cantar como sextilha, acrescentando-lhe este dous versos:

—«Das velas uma açucena
para se lembrar de mim.»

Arcipreste (1) verde triste
crescido na olaria,
quem quer bem trata por tu,
amôr não tem senhoria.

170

O' meu amor das três penas,
dá-me uma, quero voar;
quero ir ao ceu em vida,
na vinda torno-t'a a dar.

171

O' meu amor das tres penas;
dá-me uma, qu'estou á morte;
uma pena não é nada
p'ra quem está desta sorte.

172

Ferros do rei são prisões,
inda o amôr é mais forte;
para os ferros há as limas,
para o amor só a morte.

(1) No Minho, é vulgarissimo no povo a troca do vocabulo cipreste por arcipreste, empregando a figura Protese, inconscientemente.

173

Amarélo é desespero,
encarnado linda cor,
seja falsa quem quizer
que eu sou firme ao meu amor.

174

O' meu amor quem te disse
que eu me zangára contigo?
Quem t'o disse não mentiu,
mas a razão não a digo.

175

Amôr de moça tem fôgo,
amôr de vélha geada.
Vale o primeiro um tesoiro,
o outro não vale nada.

176

O meu amor era tôrto,
eu mandei-o ind'reitar;
agora qu'êlé está d'reito,
todas m'o querem tirar.

177

O anel que tu me destes
era de vidro, quebrou.
O amor que tu me tinhas
o anel o demonstrou.

178

Se t'adorei foi um sonho,
se te quiz foi falsidade,
foi enquanto não achei
amôr á minha vontade.

179

Adeus ô vila da Povoá,
as costas te vou virar;
O meu amor enganou-me
já não quero aqui morar.

180

Adeus o' vila da Povoá
com um tanque d'agua fria,
ondê o meu amôr se lava
a toda a hora do dia.

181

Debaixo das frias ondas
cança o peixe nadador,

tudo cança neste mundo,
só não cança o nosso amor.

182

O meu amor ama a duas
eu não me meto na conta;
podes amar quem quizeres
que me não fazes afronta.

183

O meu amôr eu não posso
com tantas penas amar-te,
são tantos a pretender-me,
eu resolvo-me a deixar-te.

184

O meu amôr é um tólo
em pensar que eu o adoro;
pensa que choro por êle,
sabe Deus por quem eu choro.

185

Estes primeiros amores
que no mundo toma a gente,
não sei que doçura têm
que duram eternamente.

186

Vivo triste, pensativa,
cuidadosa, dando ais,
desejosa de saber,
meu amor, por onde andais.

187

Estou rouca, estou rouquinha,
não é catárro nem tosse,
é o ladrão do amor
que de mim quer tomar posse.

188

Suspirando, dando ais,
levo eu a minha vida,
dando ais de maguada,
suspiros de arrependida.

189

O' alicerces de penas,
o' colunas de suspiros,
o' fontes destas saúdades
onde eu vou buscar alivios.

190

Nem um ai, nem um suspiro,
já te causou sensação;
a tudo és insensível,
tens de bronze o coração.

191

Quero ter-te sobre o peito
onde bata o coração,
mas não digas a ninguém
os suspiros porque são.

192

Suspiros e ais e dôres,
imaginações e cuidados,
é o manjar dos amôres
quando vivem ausentados.

193

Suspirar é meu alívio
quando de ti estou ausente,
nada no mundo m'alegra,
só em ver-te estou contente.

194

Acreditai meus suspiros,
acreditai com verdade;

quando de ti estou auzente
é uma viva saúdade.

195

Suspirando, dando ais,
anda o amor pela rua;
suspira quanto quizeres
que eu por ora não sou tua.

196

Quem me dera estar agora
onde está teu coração,
no campo da soledade
onde meus suspiros vão.

197

Da minha janela à tua
vai uma longa cadeia,
toda cheia de suspiros,
toda de suspiros cheia.

198

Dei um ai e não ouviste,
suspirei, não deste fé.
O meu coração é teu,
o teu não sei de quem é.

199

Inocentes avesinhas
que pelos ares andais,
suspendei os vossos vôos,
vinde ouvir meus ternos ais.

200

Ninguem se fie nos homens
nem no seu dôce falar,
que têm falinhas de mel,
coração de resalgar. (1)

201

Não t'esqueças de trazer-me
dentro do teu coração,
considera um só momento
a nossa separação.

202

Em te ver eu vejo a Deus,
não sei se péco, se não;
vejo a Deus na minh'alma,
a ti no meu coração.

(1) Designação vulgar do oxido de arsénico.

203

Obrigado da vontade,
dominado da paixão,
despresei a liberdade,
entreguei-te o coração.

204

Meu coração, coitadinho,
já deita sangue pisado;
a culpa tive-a eu
amar-te demasiado.

205

Mal-te vi amei-te logo,
o meu peito deu rebate;
fôra duro o coração
para ver-te, e não amar-te.

206

Já t'amei, já te não amo,
já te perdi a afeição;
já t'arrumei p'ra um canto
fôra do meu coração.

207

Quem disser que uma saúdade
que não chega ao coração,
tome amores e viva ausente,
e verá se chega ou não.

208

Trago dentro do meu peito,
chegadas ao coração,
duas letrinhas que dizem:
—morrer sim, deixar-te não.

209

No momento da partida
meu coração te entreguei,
quando me vem á lembrança
como não morro, não sei.

210

Se eu soubesse quem tu eras
o que é teu coração,
uma fala que te dei
eu t'a não daria, não.

211

Cála-te meu coração,
tu nada queiras dizer;

quem se cala tudo vence,
tambem tu has-de vencer.

112

Hei-de amar a pedra dura
e ao teu coração não;
a pedra dura não queima
e tu queimas sem razão.

213

Da palmeira nasce a palma,
e a palma nasce do chão.
o querer bem nasce d'alma,
querer-te bem, do coração.

214

O' coração, ó pombinha,
ó coração, primavera;
quem me dera adivinhar
teu coração de quem era. (1)

(1) Esta quadra tem a seguinte variante:—

O' coração, ó pombinha,
como ares de primavera;
só queria adivinhar
o teu pensamento qual era.

215

Coração todo traições,
cara tão cheia de enganos,
olha o pago que me déstes
por eu te amar tantos anos.

216

Um coração de estudante
não é peixe de pescar;
entra na rede um instante,
mas nunca lá quer ficar.

217

Fui soldado, sentei praça
no coração duma pomba:
por causa de ti, menima,
tive uma noite de ronda.

218

Passsei pela tua porta,
puz a mão na fechadura,
não m'a quizestes abrir,
coração de pedra dura.

219

Quem tiver dois corações
dê-me um, que bem o emprega;
aquêlle que eu tinha, dei-o
a quem agora m'o nega.

220

Coração porque palpita
d'um modo tão desuzado?
Sentes-te d'amor ferido
que assim estás maltratado.

221

O meu coração, voando,
dentro do teu foi cair,
no meio partiu as azas
de lá não pode sair.

222

Pergunta a quem sabe amar,
que mal é o mais nocivo;
se a auzencia com remedio,
se o ciume com motivo.

223

Quando comecei a amar
deitei sortes á ventura,

quando me quiz ausentar
já meu mal não tinha cura.

224

Amar e saber amar;
amar e saber a quem,
eu só amo a ti, menina,
não amo a mais ninguém.

225

Se te amo, tenho guerra,
se te deixo tenho dor,
antes guerra toda a vida
do que eu te deixar, amor.

226

Pergunta a quem sabe amar
qual é mais para sentir,
s'amar e viver ausente,
se ver o não possuir.

227

Eu hei de amar-te de noite
que a noite tudo encobre,
dá-me uma fala amorsinho
que a tua gente já dorme.

228

Hei-de amar-te tanto anos
como folhas tem o vime,
tu julgas que te sou falsa
cada vez te sou mais firme.

229

Amar e saber amar
ensinou-mo quem podia,
a amar, foi a natureza
a escola, a simpatia.

230

Amar e saber amar
qualquer pessoa faz isso,
mas amar com lialdade
só eu amo o meu derriço.

231

Quando comecei a amar-te
não soube bem o que fiz,
quem só consulta a paixão,
raras vezes é feliz.

232

Quem ama não considêra
o que lhe pode acontecer;
julga que tudo são rosas
que ao jardim se vão colher.

233

Quem ama não considêra,
quem considêra não ama;
eu amei sem considerar,
agora gemo na cama.

234

Amar como eu, ninguém,
mas sou mal afortunado,
onde ponho o meu sentido
acho o lugar ocupado.

235

Eu amar hei-de te amar,
foi palavra que te dei,
por fim hei de te deixar
como tu fores também.

236

Amar e saber amar
são pontinhos delicados,
os que amam não tem conta,
saber amar são contados.

237

Amar e saber amar,
isso faz qualquer amante,
amar depois de ofendida
só eu, porque sou constante.

238

Quem ama sem ser amada
merece grande castigo;
também me julgo contada
e por isso assim o digo.

239

O amar e querer bem
está na escritura sagrada,
quem ama a Deus como deve
tem a salvação ganhada. (1)

240

Fiz excesso para amar-te,
outra, enfim, te mereceu;

(1) Variante desta quadra:

O amar e querer bem
'Stá na sagrada escritura,
quem ama a Deus como deve
ganha no céu a ventura.

é certo, sou desgraçada,
mas que culpa tenha eu?

241

Quem me dera no teu peito
minha face recostar
para podermos dizer:—
A lei de Deus manda amar.

242

Se mil corações tivera
com eles te amaria,
mil vidas que Deus me desse,
em ti as empregaria.

243

Se te não amo, faleço,
se te amo ha quem se mate,
de todas as sortes morro,
quero morrer a adorar-te.

244

Ter amor é muito bom
quando ha correspondencia;
mas amar sem ser amada,
faz perder a paciencia.

245

Eu amei tanto um ingrato,
que tam mau pago me deu;
ninguem me fale mais nêle,
êle para mim morreu.

246

Eu amei tanto um ingrato,
o meu coração lhe dei,
jâmais amarei a outro
como a ele eu o amei.

247

Eu amei tanto um ingrato,
até ponto de morrer;
êle deixou-me e quer-m'agora,
é tarde, não pode ser.

248

Depois de tanto o amar
hoje estou arrependida,
Era um anjo sedutor,
hoje sou mulher perdida.

249

Cheios de fé, os cristãos,
morriam dantes nas chamas,
mas eu morro mais feliz,
porque sei que me não amas.

250

O encarnado é guerra,
quem o uza quer brigar,
mas o resto e paciência,
Deus m'a dê para t'amar.

251

O amar não é pecado,
jà m'o disse o confessôr;
é mais pecado deixar-te,
ó minha linda flôr.

252

Muito padece quem ama
e não alcança o que quer,
muito padece quem sofre
os ciumes da mulher.

253

O amar não é pecado,
não é, não é, não senhor,

Madalena amou a Cristo
e era Nosso Senhor.

254

Quem ama dois juntamente,
deve ter grande talento
para poder arranjar
tanta mentira a um tempo.

255

O' José, lindo José,
cabelinho aos ancis,
por tua causa, José,
passo tormentos crueis.

256

Por Antonio dou a vida,
por Manoel endoideço;
agora por Josésinho
dobradas penas padeço.

257

Todos os Antonios são varios,
Franciscos são inconstantes,
Manueis desconfiados,
os Joséis reis dos amantes.

Manoel é um perdido
que perdeu a sua dama;
vê, Manoel, não percas,
o travesseiro da cama.

258

Vamos dançar, Manoel,
que nos importam fadigas;
paréco que estás brincando
comigo, ás escondidas.

259

Maria, já te casastes,
já o laço t'enganou,
queira Deus que sempre digas;
—Se bem 'stava melhor 'stou.

260

Ao passar do ribeirinho
Joãosinho da-m'a mão,
prometo dela ser tua,
Joãosinho, doutro não.

261

Quando digo que t'adoro,
dizes, Rosa, que te minto;

as penas que por ti soffro
Deus as sabe, e eu as sinto.

262

O diabo leve os homens
enfiados num cordel,
o primeiro seja Antonio,
o segundo Manoel.

263

Não ha nome que m'agrade
como é o de Maria,
nem amor como o de mãe,
nem luz como a do dia.

264

Não ha machado que corte
a raiz á peonia,
não ha nome que m'agrade
como é o de Maria.

265

'Stou preso nesta cadeia,
as grades são de papel;
'stou presa nas mãos d'Antonio,
solta-me tu, Manuel.

266

Saudades, não venhaes juntas,
vinde antes poucas e poucas,
vinde mais compassadinhas,
dai logar umas ás outras.

267

Cada vez que deito a vista
para onde vós morais,
uma paixão m'amofina,
saudades cada vez mais.

268

As saudades to persigam
que te não possa valer,
p'ra que tu ingrato saibas
quanto custa um bem querer.

269

Haverá maior loucura
que paixão de amôr sofrer?
Vem nascida da saudade,
faz penar até morrer.

270

As saudades são securas,
elas om mim reverdecem,
causá-las quem quer as causa,
triste de quem as padoe.

271

Se as saudades matassem,
muita gente morreria;
mas as saudades não matam
senão no primeiro dia.

272

A ausencia tem uma filha,
que tem por nome saudade,
eu sustento mai e filha
bem contra minha vontade.

273

Eu cuidava que o casar
era só o dar a mão,
sustentar mulher e filhos
é uma grande pensão.

274

Eu casei-me ontem à noite,
nem por isso estou contente;

o rapaz por si é bom,
mas não tem que dar ao dente.

275

Se o casar fosse tão doce
no fim, como no começo,
eu pediria a meu pai
que me casasse no bêrço.

276

Solteirinha não te cases,
logra-te da boa vida,
que eu bem sei duma casada
que chora d'arrendida.

277

Casadinha de ha tres dias,
que fizeste ao teu marido?
Ele vai a minha casa,
chora que nem um perdido.

278

Casadinha de ha trez dias,
ei-la, lá vai a chorar,
pela vida de solteira
que a não torna a lograr.

279

Solteirinha, côr de cravo
tira-te de ao pé da casada,
casadinha de ha tres dias
já tem a côr demudada.

280

Eu casei-me por um ano
p'ra ver a vida que tinha,
o ano está acabado,
quem me dera solteirinha.

281

Inda que seja casada
não te esqueço o bem querer,
inda podes viubar
e depois meu vir's a ser.

282

Eu casei me, cativei-me,
troquei a prata por cobre,
troquei minha liberdade
por dinheiro que não corre.

283

Dizes que me queres bem,
que m'adoras no teu peito;
quem quer bem não faz assim,
quem ama tem outro geito.

284

Dizes que me queres muito,
tudo isso considéro,
mas da bôca para fora
quem quer diz: — eu bem te quero.

285

Dizes que me queres muito,
que me tens muito amor;
o mundo vive de enganos,
quem me dás por fiador?

286

Dizes que me queres muito
ignoro o teu querer,
tu falas quando m'encontras
não passeias por me ver.

287

Dizes que me queres muito,
não entendo o teu querer,

o dizer=quero-to bem,=
quemquer o podê dizer (1)

288

Por minha livre vontade
sujeitei-me a ser teu bem,
mas que se saiba, não quero,
que nós nos queremos bem.

289

Se tu me quizesse bem
como eu te quero a ti,
fazias dos braços azas,
voarias até aqui. (2)

290

Se algum dia te quiz bem
esse tempo já acabou,
se ainda olho para ti
foi geito que me ficou.

(1) Esta quadra tem a seguinte variante
no 2.º verso:

«Eu por obras quero ver.»

(2) Também tem esta variante no 4.º ver-
so:

«Voávas p'ra junto de mim.»

291

Não ha coisa neste mundo
como viver ao desdem,
mostrar carinhos a todos
e não querer bem a ninguem.

292

Já te quiz e bem, na vida,
isso quiz, que eu não o nego,
fizes-te me uma traição
agora nem ver te quero.

293

Já te quiz e bem, na vida,
com tenções de te deixar;
tu deixaste-me primeiro
devias adivinhar.

294

Se eu já te não quero bem
Deus do ceu me não escute,
as estrelas me não vejam,
a terra me não sepulte.

295

Fui despedir-me do rio,
das pedrinhas de lavar,
só de ti, meu q'rido bem,
não me posso apartar.

296

Já te quiz, já te não quero,
já te amei, já te não amo,
a minha pouca assistencia
dar-te-á o desengano.

297

Em qualquer pocinho d'água
bebe a cobra e nada o peixe,
por mil enrédos que hajam,
não receies que te deixe.

298

S'eu morrer em tua casa
enterra-m'a um cantinho,
deixa-me a bôca de fóra
para te dar um baijinho.

299

Não atires com pedrinhas
qu'estou a lavar a louça,

atira-me com beijinhos
de modo que ninguem ouça.

300

O beijinho que me destes
sem teu pai nem mãe saber
toma-o lá, torna a aceitá-lo,
que já lho foram dizer. (1)

301

Da-me os beijos que te dei,
que já lá tens mais de mil;
dá-m'os que te peço agora,
os outros deixá-los ir.

302

Não sabes quanto te quero
minha flôr idolatrada,
um beijinho sô espero
da tua boca rosada.

303

Se eu tivesse o teu retrato,
tua auzencia não sofria;
no momento que pudesse
teu retrato beijaria.

(1) Tem a seguinte variante no 3.º verso:

«Pega-o lá, já o não quero.»

304

Um dia pedi-te um beijo,
foi-me o pedido negado,
não sei porque, pois costumeo
pagar, se peço emprestado.

305

Tenho fome, tenho sede,
sem ser de pão nem de vinho,
tenho fome dum abraço,
tenho sede dum beijinho.

306

Moreninha, moreninha,
morangal dos meus desejos,
a tua boca é cestinha,
os morangos são teus beijos.

307

Quem me dera agora mesmo
ter-te aqui ao pé de mim;
com os meus beijos tingia
tuas faces de carmim.

308

O anel que tu me destes
trago-o no dedo mindinho,
quando olho para ele
sempre lhe dou um beijinho.

309

Ralha comigo o abade
por cada vez que te beijo...
os curas nunca souberam
as coisas que faz um beijo!

310

Da-me um beijo, dou-te dois,
a minha paga é dobrada,
porque é brio dos amores
pagar e não dever nada.

311

Esta noite sonhei eu
que te estava dando beijos;
acordei, achei-me só...
mal hajam esses desejos.

312

Se vires chorar miudinho,
o ar turvo, enevoado,

faz de conta que são lagrimas
que por ti tenho chorado.

313

Sentada no meu jardim,
ouvi cantar o chorei
pela minha mocidade
que tão mal a empreguei.

314

Fui-me pôr ao pé do rio
a ver a agua correr,
vi correr a dos meus olhos
para eu mais pena ter.

315

Puz-me a chorar ao pé d'agua
lagrimas de sentimento,
a agua me respondeu:
«Nada cura como o tempo».

316

Rouxinol canta de noite,
de manhã a cotovia,
todos cantam; só eu choro
toda a noite e todo o dia.

317

Puz-me a chorar sobre a praia,
ás vagas fazendo queixa,
e élas me responderam:
«Não chores por quem te deixa.»

318

Não te ponhas a chorar
lagrimas perto de mim,
tu sabias que era homem
não te deixasses assim.

319

Estava á beira do mar
chorando a minha miséria, (1)
veio uma voz e me disse:—
«Dum ingrato que se espera?»

320

Já lá vai pelo mar fóra
quem cá não ha de ficar,
quem cá fica, fica a rir,
quem lá vai, vai a chorar.

(1) O povo muitas vezes diz:—Miséra.

321

O' mar de Cristo, sagrado!
quantas almas terás em ti;
já lá tens a do meu bem,
já 'stás vingado de mim. (1)

322

Se fôres ao mar pescar
levai a rede de linho,
se me pilhares nas malhas:
serei eu vosso peixinho.

323

Se fôra de leite o mar
como é d'agua salgada,
corria por ele abaixo
ia ver a minha amada.

324

(1) Tem esta quadra a seguinte variante:—

Quantas almas tens em ti,
ó mar de Cristo, sagrado;
já lá tens a do meu bem,
já de mim estás vingado.

Embarquei-me no mar largo,
perdi a vista da terra,
só vejo nuvens e ceu,
mar e vento que me leva.

325

As ondas do mar são brancas,
no meio são amarelas,
coitadinho de quem nasce
p'ra morrer no meio delas!

326

Atirei ao verde, verde,
atirei ao verde mar;
atirei c'os meus sentidos
onde podera chegar.

327

Ondas do mar abrandai
qu' eu quero pilhar um peixe,
eu quero deixar o mundo
antes que o mundo me deixe.

328

O mar pediu a Deus peixe
para andar acompanhado,

quando o mar quer companhia
que fará um desgraçado!

329

O' mar alto, ó mar alto,
ó mar alto sem ter's fundo,
mais vale andar no mar alto,
do que nas bocas do mundo.

330

Lá no mar anda a sereia
correndo como a perdiz,
não te gabes de deixar-me,
que fui eu que te não quiz.

331

A sereia anda no mar,
anda á roda, torce, torce,
inda está para nascer
quem de mim tomará posse.

332

Nas ondas do teu cabêlo
vou-me deitar a afogar
eu quero que o mundo saiba
que ha ondas sem ser no mar.

333

Já passei o mar a nado,
a nado como a enguia,
mais vale não ter amores,
do que passar agua fria.

334

Levantei-me um dia cedo
para ouvir doce cantar,
eu pensava que eram anjos. . .
era a sereia no mar.

335

O' luar da meia noite
não sejas meu inimigo,
'stou á porta de quem amo,
e não posso entrar contigo.

336

O' luar da meia noite
cheio de claridade,
ó luar que tens prendido
toda a minha liberdade.

337

O sete estremo vai alto,
mais alto vai o luar.
mais alta vai a ventura
que Deus tem para me dar.

338

O sete estremo vai alto
dominando a minha porta,
nada quero saber dela,
outra já é que me importa.

339

O' luar, ó luarsinho,
ó luar do firmamento,
tu has-de (1) ser a madrinha
quando fôr meu casamento.

340

Branda luz cobria o ceu,
eu julguei qu'era o luar,
enganei-me, era o meu bem
num terraço a passear. (2)

(1) O povo diz:—Hu-des.

(2) O' que lindo luar faz
para colher a marcela;
vamo-la colher ambinhos...
faremos a cama nela.

Pelo sol te mandei carta
pelas estrelas visitas:
eu de mim 'stou satisfeito,
'stimarei que te divirtas.

341

Adoro-te, tanto, tanto,
como o Sol adora a terra,
mas tû tens outros amores,
não te quero causar guerra.

342

Eu sou Sol tu és sombra,
qual de nós sera mais firme?
Eu, como Sol, adoro-te,
tu, como sombra, a fugir-me?

343

Já lá vai o Sol abaixo,
já não nasce onde nascia,
já não dou as minhas falas
a quem as dava algum dia.

344

Quando o Sol quer nascer,
à minha porta vem dar;

vem pedir obediencia
dos raios que ha-de deitar.

345

Se um dia morena, desses
ao sol um olhar sereno,
ninguem sabia qual dos dois
ficaria mais moreno.

346

O galante pescador
que pescais á luz do Sol,
ai! quem me dera ser peixe
p'ra cair no teu anzol.

347

O Sol nasce para todos
só para mim escurece,
desgraçada rapariga
qu' até o Sol a aborrece.

348

Dormindo, estava sonhando
que me morreu o meu bem,
acordei e disse logo:—
«Morte, leva-me tambem.

349

Se passares pelo adro
no dia do meu enterro,
pede á terra que não coma
as tranças do meu cabelo.

350

Já lá vai quem eu amava,
já lá vai quem eu queria,
já 'stá debaixo do chão,
já o come a terra fria.

351

Tres dias antes que morra
hei de ir passear no adro,
para ver a sepultura
onde hei de ser enterrado.

352

Eu hei de morrer, morrer,
não sei a hora nem quando,
terra que m' has de comer
podes ir t'aparelhando.

353

S' eu soubesse quem tu eras
ou quem tu vinhas a ser,
mandava vir da botica
remédio para morrer.

354

Já pedi a morte a Deus
para tornar a ter vida,
e para ver quem te gosava
essa tua alma querida.

355

No mais solitario bosque
vi uma folha no chão,
tinha letras que diziam:
Morrer sim, deixar-te não.

356

Dei um nó que nunca dera,
dado pela mão do cura;
é nó que se não desata
senão lá na sepultura.

357

Arranquem-me estas cadeias,
tirem-me desta prisão,

qu' eu não vivo muito tempo
na tua separação.

358

Já cortei o meu cabelo,
já lá vai a minha gala;
a culpa tive-a eu
dar ouvidos a quem fala.

359

O' mar que te não derretes,
navio que te não partes,
ó ladrão que não cumpristes
o que comigo tratastes. (1)

360

O' ladrão que m' iludistes
sendo eu tão rapariga,
o inferno tem-l'ó certo,
trabalhos p'ra toda a vida.

(1) Tem também esta variante.

O' falso tres veses falso,
ó falso, que m' enganastes,
ó falso que não cumpristes.
o que comigo tratastes.

361

Ausente dum bem qu'adoro
que contente posso eu estar?
de dia, ando sempre triste;
de noite, a imaginar.

362

Despresas-me por ser pobre,
a pobreza Deus a amou;
não me penteio p'ra ti...
assim pobre como sou.

363

Triste sou, triste me vejo,
sem a tua companhia,
tão triste que nem me lembro
s' alegre fui algum dia.

364

Meus males, minhas desditas,
remedio não podem ter;
só deixarei de ser triste
quando deixar de viver.

365

Quando vou por meu caminho
a chamar pela ventura,
não acho melhor descanso
do que a paz da sepultura.

366

Fui-me deitar a dormir
com os meus males conforme,
quem vive como eu vivo
só vive o tempo que dorme.

367

Eu fui aquela que disse,
na maior aflição:
—Maldita seja a mulher
que por homens tem paixão.

368

A roda da desventura
contra mim constante gira,
nada a faz retroceder,
infeliz de quem suspira.

369

Infeliz de quem suspira
sem ganhar premio d'amor,

passa o tempo, acaba a vida
num continuo pranto e dor.

370

Mulher qu' enganar se deixa,
ó que sorte tão tirana,
quantas vezes ela chora
aos pés de quem a engana.

371

Aos pés de quem a engana.
aos pés de quem m' enganou,
eu sou a mais desgraçada
que Deus ao mundo deitou.

372

Eu não tenho pai nem mãe
nem nesta terra parentes,
sou filho das tristes ervas
neto das aguas correntes.

373

No centro da primavera
caiu a neve mais pura,
quem é firme é desgraçado,
quem é falso tem ventura.

374

O' ladrão que m' enganastes
tendo eu dezoito anos;
eu era tão inocente,
leve-me dos teus enganós.

375

Aquela menina chora,
porque eu a enganei,
neste mundo chora ela
lá no outro eu penarei.

376

Não posso viver sem ti,
sem ti não posso viver;
viver sem ti; não é vida,
viver sem ti é morrer.

377

Nem de dia, nem de noite
tenho socego no peito;
de dia sofro na rua
de noite péno no leito.

378

O padre cura, zangado,
a minha mai repreendeu;
isto assim não é vida,
sai p'ra lá, ar'nego-t'eu.

379

Deste-me uma pena verde,
no meio tinha peçonha,
não quero falar p'ra ti,
cara de pouca vergonha!

380

Se vires a mulher perdida
não a trates com desdem
porque Deus quando castiga
não diz quando nem a quem.

381

Papagaio, pena verde,
empresta-me o teu vestido!
o teu vestido são penas,
em penas ando metido.(1)

382

Rouxinol que também cantas,
vem cantar ao meu jardim,

(1) Variante desta quadra.

O' minha pombinha branca,
empresta-me o teu vestido,
s' o teu vestido são penas,
eu também de penas vivo,

todas as penas s' acabam
só as minhas não têm fim.

383

O' minha pombinha branca,
eu contigo quero ir;
Jeva-me nas tuas azas,
para o ceu quero subir.

384

Despedida, despedida,
como faz o passarinho,
que se despede cantando,
deixando as penas no ninho,

385

Passarinho só tu podes,
com penas andar cantando,
pois eu cá não sou assim,
com penas ando chorando.

386

Trago dentro do meu peito
uma parede formada,
de penas e de cuidados
por onde não passa nada.

387

S' eu lavasse uma camisa
cá de certas raparigas,
iria pô-la a corar
sob a rama das ortigas.

388

Raparigas do meu tempo
chorai agora por mim,
eu vou dar a minha mão
para seculos sem fim.

389

O meu peito solitario
é um ninho de cantigas;
ali vivem, ali dormem,
esperando as raparigas.

390

Raparigas, gosem, gosem,
não se queiram cativar,
qu' estes rapazes d'agora
não as sabem estimar.

391

Tenho pena de quem sofre,
compaixão de quem sofreu,
que tantos trabalhos passa
pelo qu' inda não é seu.

392

A cobra nasce no monte,
lá se cria, lá padece,
quem dá confiança aos homens
grande castigo merece.

393

Mariquinhas dá-te ao mundo,
não queiras ficar donzela;
não queiras levar teu brio
para debaixo da terra.

394

Andas morto por chegar
ao meu coletinho preto
ao corpete, chegarás,
ao corpinho . . . não prometo.

395

Tire lá o pé da saia
diga de longe o que quer,

não perde você que é homem
perco eu que sou mulher.

396

Sois água não matais sede;
sois pimenta, não queimais,
sois um e pintais-vos outro
quando comigo falais.

397

Ao passar por este sitio
não te ponhas tão corada,
este sitio não tem lingua,
a ninguem contará nada.

398

Fui á fonte beber água,
fui beber que tinha sede,
tinhas o laço armado,
mas eu não caí na rede.

399

Não me passes pela porta
nem de noite, nem de dia,
eu não sou santo nem santa
p'ra me fazerés romaria.

400

Algum dia, meu brinquinho,
meu regalo era ver-te;
agora tanto me vale
ganhar-te, como perdêr-te.

401

Algum dia p'ra te ver,
abria sete janelas,
agora, p'ra te não ver,
fecharia todas elas.

402

Algum dia, p'ra te ver
ia p'rá porta da rua,
agora dava dinheiro
para não ver sombra tua.

423

Passei pela tua porta,
pedi-te agua, não m'a destes
quando passares p'la minha
farei como me fizestes.

424

Sou ferreiro, bato ferro,
moro á beira do rio;
não ha coisa que mais custe
que malhar em ferro frio.

425

As telhas do teu telhado
deitam agua sem chover;
trocastes-me a mim por outro,
inda t' has-de arrepender.

426

Auzentastes-te de mim
sem teres razão de queixa,
quem s'ausenta sem ter causa.
não leva penas nem deixa.

427

Eu bem sei a quem dissestes
Que m' havias de deixar;
tudo o que não ha s'escusa . . .
eu sem ti hei de passar.

428

Quando éramos amigos,
eu andava no teu monte;

agora que o não somos,
vou beber a outra fonte.

429

O' quantas; e quantas vezes,
tu, ingrato, me dizias,
por mais razões que tivesses,
que nunca me deixarias.

430

Quem do meu peito saiu,
grande delito causou;
não venhas com piedade;
quem saiu jámais entrou.

431

Tu cuidas que por ti morro
ou que de ti tenho dó?
Muito fraco é o navio
que tem uma amarra só.

432

Semei o meu faval,
já tenho muitas favinhas;
já tomei novos amores,
os velhos que torçam linhas.

433

Silva verde não me prendas,
olha que me não seguras,
pois eu já tenho quebrado
outras algemas mais duras.

434

Fiz a cama na calçada,
o travesseiro no tojo:
s'algum dia te quiz bem,
agora causas-me nôjo.

435

Aquela menina cuida,
que não ha outra no mundo;
não ha um poço tão alto
que se lhe não chegue ao fundo.

436

Vou morar para o deserto,
habitar com os bichinhos,
já que um ingrato me tem
tão longe, de seus carinhos.

437

Não sei se te diga adeus,
se te diga vou-me embora,
o amor é uma saudade;
quando parte sempre chora.

438

Eu não gosto, nem brincando,
dizer adeus a ninguém;
quem parte, saudades leva,
quem fica, saudades tem.

439

Eu já uma vez adeus disse,
muitas lagrimas chorei;
um adeus é sempre triste,
nunca mais adeus direi.

440

Quando digo que te adoro,
menina dizes que minto;
As maguas que por ti sôfro,
Deus as sabe e eu as sinto.

441

Anel de sete pedrinhas
foi feito na pedraria;

eu não te posso deixar,
parece feitiçaria.

442

Tenho dentro do meu peito
a botica e boticario,
para te curar menina
quando te for necessario.

443

Atirei c'uma azeitona
á menina da varanda;
a azeitona caiu dentro,
a menina já cá anda.

444

No dia em que tu nascestes
nasceram todos os sóis,
e na pia do batismo
cantaram os rouxinois.

445

Ai de mim, que já não posso
cantar como já cantei;
bebi a grama do tojo . . .
até a fala mudei.

446

Agora q'eu m'arranjei,
tiraram-m'o meu rapaz;
em lugar dum, tenho dois...
olha a falta que me faz!

447

Vou-te dar os parabens
desse teu novo namoro;
queira Deus q'esse teu rir
não te venha a dar em choro.

448

Menina q'está tão triste
com a mão chegada ao rosto,
diga-me qual foi a causa
dêsse tão grande desgosto.

449

Domingo, se Deus quizer,
vão-se lêr os meus pregões;
vão-se as minhas alegrias,
começam minhas paixões.

450

Inda que meu pai me mate,
minha mãe me tire a vida
minha palavra 'sta dada,
minha mão 'sta prometida.

451

Anda agora uma modinha
de pedir a filha ao pai
entrar pela porta dentro;
—Senhor sogro já cá vai.

452

Alta serra da Estrêla
onde se teçe a cambráia,
se desta me velo libre
não temas q' eu n'outra caia.

453

Alta serra do Gerez
onde a neve se retém
chamo, ninguem me responde!
olho, não vejo ninguem!

454

O arado lavra a terra,
a grade grada-a depois,

quem vai guiando a rabiça
sorri a quem guia os bois.

455

Não ha machado que corte
a raiz do pensamento,
não ha letrado que diga
o que tenho no intento.

456

Nós já sômos conhecidos
como antigos namorados;
tú és uma feiticeira,
tú tens sido os meus pecados.

457

Dizes que te vals embora,
já t'estás a preparar,
quem mo dera livre minha
que te fôra acompanhar!

458

Qu'importa qu'ô mundo diga
q'eu não sou muito ditoso
se nos braços que me prendem
me julgo tão venturoso?

459

Hei-de subir ao teu peito
por alta escada de vidro,
com fechaduras de prata
para me fechar contigo.

460

Despresastes-me por outra,
e levas isso em braço;
acharás outra mais rica,
mas mais lial, isso não.

461

O melro canta na faia,
escutai o qu'eule diz,
quem fez o mal que o pague,
menos eu que o não fiz.

462

Rua grande, rua grande,
comprida que não tem fim,
querem qu'eu perca amizade
a quem não m'a perde a mim

463

De dia vejo teus labios
alegremente sorrir;
de noite vejo-te em sonhos
que me não podem mentir.

464

Por outros labios estranhos
não posso teu nome ouvir;
de todos tenho ciumes
quando te vejo sorrir.

465

Hei-de escrever uma carta
ao rigor dêsse teu corpo;
juro que não chegará
quanto papel ha no Porto.

466

O' meu amor, se te fôres,
escreve-me do caminho;
se não tiveres papel,
nas azas dum passarinho.

467

Do bico farei tinteiro,
da lingua pena aparada,

do peitinho envelope,
da alma carta lechada.

468

Vós chamais-me trigueirinha,
isto é do pó da eira;
haveis de ver-me ao domingo
como a rosa na roseira.

469

Por teu respeito, menina,
ó quanto tenho sofrido!
As moças dão-me razão,
teu pai chama-me atrevido.

470

Quem tem meninos pequenos
por força lhe ha de cantar;
quantas vezes a mãe lhe canta,
com vontade de chorar!

471

O' minha mãe dos trabalhos,
para quem trabalho eu,
trabalho, mato meu corpo
não tenho nada de meu,

472

Todo o lugar é jardim
onde os suspiros se dão,
quer seja no povoado,
quer seja na solidão.

473

Da minha janela á tua
é o salto duma cobra;
tu já podes ir chamando
á minha mãe tua sogra.

474

Quem me dera ser retroz
ou linha de toda a côr,
para andar junto ao teu peito
servindo de atacador.

475

Eu sou cavaco do rio
veio a cheia e levou-me,
á tua porta, menina,
fez um remanso e deixou-me.

476

Quem é pobre sempre é pobre,
quem é pobre nada tem;
quem é rico sempre é nobre
e ás vezes não é ninguém.

477

Deus te salve, moreninha,
és um bocado bem feito;
delgadinha da cintura,
avultadinha do peito.

478

Canta o galo no poleiro,
canta o pisco no valado,
canta o padre na egreja,
vamos nós cantar o fado.

479

No dia em que tuas falas
pude ouvilas com prazer,
quem deixaria d'amálas
sem logo a ti se prender?

480

Fui á fonte p'ra te ver,
ao rio p'ra te falar,

nem na fonte nem no rio
nunca te pude encontrar.

481

Eu gosto de te encontrar,
e tremo quando te vejo,
que te não posso falar
á medida do desejo.

482

Mulher morena é feitiço,
mulher branca é canja fria,
a morena quem m'a dera,
a branca não a queria.

483

Duas coisas ha no mundo
que meu coração não quer:
o piólho da galinha
e o ciume da mulher.

484

O caçador foi á caça
co'a arma caçadeira;
por desgraça, coitadinho,
caçou uma costureira.

485

O' pedras desta calçada
levantaivos e dizei,
quem vos passeia de dia,
que de noite bem eu sei.

486

Voando a ave se cança
e volta ao ninho dos pais;
a minha esp'rança voou,
mas essa não volta mais.

487

Todo o homem que não tem
cruz de cabelo no peito,
não é homem, não é nada,
não se lhe guarda respeito.

488

Se fores domingo á missa,
poe-te em sitio que te veja;
não faças andar meus olhos
em volta de toda a igreja.

489

Esta carta vai sem porte,
remetida a quem quer bem;
tem crime de mão cortada
se nela mexer alguém.

490

Fui á fonte das tres bicas
e das tres bicas bebi;
mas prefiro esses teus labios
que mais frescura não vi.

491

Foste dizer a meu pai
q'eu q'estava coradinha;
os anjos do ceu me levem,
s'esta côr não era a minha.

492

Quem me dera ver meu bem
trinta dias cada mês,
sete dias na semana
a cada instante uma vez.

493

Duas coisas ha no mundo
q'eu não posso entender;

è o padre ir p'r'o inferno
e o medico morrer.

494

Pilriteiro que dás pilritos,
porque não dás coisa boa?
cada um dá o que tem
conforme a sua pessôa. . .

495

Puz um pé na campa fria
onde estava um corpo humano,
ouvi uma voz dizer,
não me calques, ó tirano.

496

Quem consid'rasse na morte
e nos martirios que tem,
erguia as mãos para Deus,
não falava de ninguem

497

Quando era solteirinha
trazia fitas e láços,
agora que sou casada
trago meus filhos nos braços.

498

O' vida da minha vida,
ó vida do meu chapeu;
s'eu morresse em pequenina
jágora estava no ceu.

499

Fui passear ao jardim
para espalhar uma dôr,
encontrei o teu retrato
na mais mimosa flôr.

500

Não te esquivas nem me negues
esse amor ao meu praser;
dá-me neste mundo a vida;
sem amor não há viver.

501

Se tu queres amar, ó bela,
dou-te amor, amor bem puro;
se jurares de ser só minha,
será belo o teu futuro.

502

Raparigas tomai tento,
rapazes não vos fieis;
palavras leva-as o vento,
cartas d'amor são papeis.

503

Dizem q' o chorar que tira
as maguas do coração,
eu tanto tenho chorado
e as minhas inda cá 'stão,

504

O' meu amor se tu queres,
pôr os dias mais pequenos,
dá um nó na fita verde,
namorêmos por acênos,

505

Domingo se fores á missa
não vás p'ra junto da cruz,
que o pobre Cristo não veja
o teu olhar que seduz.

506

A' noite quando me deito
reso á virgem Maria,

para sonhar toda a noite
em quem penso todo o día.

507

Como entra o Sol sem licença
nas grades duma prisão,
assim também vai entrando
o amor no coração.

508

A lua veste de branco
tendo na frente uma estrela
como a flor de laranjeira
na corôa da noiva bela.

509

O' rio d'aguas claras
que vais correndo p'ro mar
os tormentos q'eu padeço
não os posso declarar.

510

De vermelho encarnado
usa o rei a carapuça,
quem tem raiva que *remoia*.
quem tem catarro que tussa.

511

Quando passo por ti porta
e que te vejo fechada,
sinto os olhos rasos d'agua,
não posso dar mais passada.

512

Esta noite á meia noite,
nem meia noite seria,
abri as portas ao vento
julgando q'era Maria.

513

Julgavas q'eu que te q'ria,
logo te foste gabar;
vai á mãe que te dê máma
p'ra t'acabar de criar.

514

Trago dentro do meu peito
uma laranja partida,
para dar ao meu amor
q'anda de beija caída.

515

Tanto limão, tanta lima,
tanta laranja no chão;
tanto sangue derramado
dentro do meu coração.

516

Tanto limão, tanta lima,
tanta lima, tanta amora;
tanta menina bonita
que sai dáqui para lóra!

517

Deitei um limão correndo,
a tua porta parou;
quando o limão tem amores,
que fará quem o deitou.

518

Eu já disse á laranjeira
que não dêsse mais fior,
que passe sem dar laranjas
com'eu passo sem amôres.

519

Quantas vezes meu pai me disse,
filho, não vás ao serão;

foge-me das raparigas
com'a galinha do grão.

520

Deita-te daí abaixo
q'eu já daí me deitei;
aventura-te menina,
q'eu também m'aventurei.

521

José do pinheiro alto
que dá sombra todo o v'rão,
todos os amores são falsos
só tu, Josesinho, não.

522

José amo, José quero,
José trago no sentido;
por causa de ti, José,
trago o meu sono perdido.

FIM









Biblio
Manuel